

# *Aspectos Históricos, Políticos e Culturais da Educação Brasileira*

## 2

*Marcelo Máximo Purificação  
Maria Teresa Ribeiro Pessoa  
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva  
(Organizadores)*



**Atena**  
Editora

Ano 2020

# *Aspectos Históricos, Políticos e Culturais da Educação Brasileira*

## 2

*Marcelo Máximo Purificação  
Maria Teresa Ribeiro Pessoa  
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva  
(Organizadores)*



**Atena**  
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo

**Edição de Arte:** Luiza Batista

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais. Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

#### **Editora Chefe**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira

#### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

#### **Conselho Editorial**

##### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

#### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará

Profª Drª. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional

Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ

Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Aspectos históricos, políticos e culturais da educação brasileira 2

**Editora Chefe:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Edição de Arte:** Luiza Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores** Marcelo Máximo Purificação  
Maria Teresa Ribeiro Pessoa  
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A838 Aspectos históricos, políticos e culturais da educação brasileira 2 [recurso eletrônico] / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Maria Teresa Ribeiro Pessoa, Sandra Célia Coelho Gomes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-205-0

DOI 10.22533/at.ed.050202107

1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Pessoa, Maria Teresa Ribeiro. III. Silva, Sandra Célia Coelho Gomes da.

CDD 379.981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Caríssimos leitores, apresentamos a vocês o volume 2 da Coletânea, “Aspectos Históricos, Políticos e Culturais da Educação Brasileira”, uma obra que totaliza 71 artigos e 3 volumes com textos diversos e plurais que discutem a educação a partir de várias perspectivas. Este volume está organizado em dois eixos com 12 artigos cada um, que mostram a conjuntura de investigações que foram desenvolvidas em vários contextos do Brasil, expandindo assim, a reflexão filosófica e o pensamento científico a partir da perspectiva educacional.

A Educação brasileira no cenário atual parece seguir sem perspectivas de avanços, haja vista a falta de políticas públicas educacionais que dialoguem com um Brasil de muitas dimensões e diversidades. Esse cenário, clama pela valorização da educação e dos seus atores, e de um alargamento de diálogos entre o sistema político, universidades e outros organismos vinculados à educação. Diante o exposto, inferimos que: trabalhos como esses apresentados no volume 2 desta Coletânea, mostram o potencial científico e de intervenção social que advém das investigações desenvolvidas nos liames da educação.

Nessa direção, o volume 2 da Coletânea, estabelece uma teia dialógica que perpassa pela educação, promovendo a integração de termos que direcionam o pensar e a reflexão científica rumo aos contextos - histórico, político, cultural e social -, dos quais pontuamos: aprendizagem, currículo, democratização, desenvolvimento profissional, desigualdade, direitos humanos, educação, ensino, formação de professores, gestão, história, política, entre outros. Com isso, desejamos a vocês uma boa leitura e boas reflexões.

Marcelo Máximo Purificação

Maria Teresa Ribeiro Pessoa

Sandra Célia Coelho Gomes da Silva

## SUMÁRIO

### EDUCAÇÃO BRASILEIRA EM FOCO - PARTE I

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSTRUINDO A IDENTIDADE E ROMPENDO O PRECONCEITO ATRAVÉS DA LUDICIDADE	
Jozaene Maximiano Figueira Alves Faria Fernanda Pereira da Silva Andrade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0502021071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>6</b>
EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E A BNCC	
Reginaldo Aparecido de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0502021072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>19</b>
EDUCAÇÃO SEXUAL E ESTUDO DE ESTATÍSTICA COMO MEIOS DE EMPODERAMENTO FEMININO	
Polyana Perosa Mirella Aguiar da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0502021073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>25</b>
ENSINO DE SOCIOLOGIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A SENSIBILIZAÇÃO SOCIOLÓGICA: UMA EXPERIÊNCIA COM ESTÁGIO CURRICULAR NAS ESCOLAS PÚBLICA ESTADUAIS NO SUDOESTE BAIANO	
Valdívia Araújo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0502021074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>38</b>
ENSINO PROFISSIONAL SIGNIFICATIVO: A METODOLOGIA DE DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS COMO DIFERENCIAL	
Gerson dos Santos Neto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0502021075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL DESPROVIDA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL, É POSSÍVEL?	
Jonatan Pereira da Silva Rilva José Pereira Uchôa Cavalcanti José Santos Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0502021076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>78</b>
ESTILOS DE APRENDIZAGEM E DIFERENÇAS INDIVIDUAIS EM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: O CASO DE UM INSTITUTO FEDERAL BRASILEIRO	
Cicero Eduardo de Sousa Walter Paulo Jordão de Oliveira Cerqueira Fortes Rafael Ângelo dos Santos Leite Polyana Carvalho Nunes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0502021077</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>93</b>
FORMAÇÃO DE EDUCADORES E OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA CONTEMPORANEIDADE	
Benjamim Machado de Oliveira Neto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0502021078</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>103</b>
FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO EMOCIONAL	
Talita Aparecida de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0502021079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>116</b>
FORMANDO PARA A DOCÊNCIA: UM PROCESSO DE INVESTIMENTO NA QUALIDADE DA EDUCAÇÃO	
Joseanne Zingleara Soares Marinho	
Isadora Ribeiro Ibiapina	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05020210710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>128</b>
GESTÃO DEMOCRÁTICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM OLHAR SOBRE A PROPOSTA PEDAGÓGICA DA ESCOLA FERNANDO RODRIGUES DO CARMO EM SANTANA-AP	
Elivaldo Serrão Custódio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05020210711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>143</b>
GESTÃO EMPREENDEDORA COMO FONTE DE VANTAGEM COMPETITIVA: UM OLHAR SOBRE O GRUPO SCC	
Inara Antunes Vieira Willerding	
Roberto Rogério do Amaral	
Édis Mafra Lapolli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05020210712</b>	
<b>EDUCAÇÃO BRASILEIRA EM FOCO - PARTE II</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>156</b>
GESTÃO ESCOLAR E OS DESAFIOS FRENTE A IMPLEMENTAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DA PROVA BRASIL	
Wanessa Vieira Modesto	
Ana Kely Martins da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05020210713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>172</b>
INFORMÁTICA BÁSICA NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Claudemir Cosme da Silva	
Renata Makelly Tomaz do Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05020210714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>181</b>
JOÃO ALFREDO E A INSTRUÇÃO PÚBLICA NO BRASIL IMPERIAL	
Cíntia Farias	
Alberto Damasceno	
Suellem Pantoja	
Viviane Dourado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05020210715</b>	

**CAPÍTULO 16 ..... 190**

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS ESCOLAS DO CAMPO

Silvanete Pereira dos Santos  
Maria Onilma Moura Fernandes (In memoriam)  
Sheila de Fatima Mangoli Rocha  
Felipe Aleixo

**DOI 10.22533/at.ed.05020210716**

**CAPÍTULO 17 ..... 204**

MÁQUINA DE ONDAS ESTACIONÁRIAS DE DUAS FONTES

Guilherme Tavares Tel  
Gabriel Felipe de Souza Gomes  
Gabriel Tolardo Colombo  
Luana Gonçalves  
Paulo Vitor Altoé Brandão  
Marcos Cesar Danhoni Neves

**DOI 10.22533/at.ed.05020210717**

**CAPÍTULO 18 ..... 211**

O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE NUMA PERSPECTIVA AUTOBIOGRÁFICA

Tuany Inoue Pontalti Ramos

**DOI 10.22533/at.ed.05020210718**

**CAPÍTULO 19 ..... 220**

O HERÓI DOCENTE: OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Roseli Vieira Pires  
Kátia Barbosa Macêdo  
Anna Flávia Ferreira Borges

**DOI 10.22533/at.ed.05020210719**

**CAPÍTULO 20 ..... 234**

O OLHAR ACADÊMICO/PIBIDIANO SOBRE AS PRÁTICAS AVALIATIVAS NO ENSINO SUPERIOR

Arnóbio Rodrigues de Sousa Júnior  
Antonio Avelar Macedo Neri  
Maria das Dores Alexandre Maia  
Mayara Barros Bezerra  
Oscar Soares de Araújo Júnior

**DOI 10.22533/at.ed.05020210720**

**CAPÍTULO 21 ..... 245**

O PAPEL ARTICULADOR DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO NO SERVIÇO DE MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS EM MEIO ABERTO

Selma Marquette Molina  
João Clemente de Souza Neto

**DOI 10.22533/at.ed.05020210721**

**CAPÍTULO 22 ..... 257**

O PAPEL DO APEGO NO PROCESSO DE INSERIMENTO DA CRIANÇA NA CRECHE

Nathália Ferraz Freitas  
Sorrana Penha Paz Landim  
Cinthia Magda Fernandes Ariosi

**DOI 10.22533/at.ed.05020210722**

**CAPÍTULO 23 ..... 266**

O PÁTIO ESCOLAR E OS TERRITÓRIOS EDUCATIVOS: PROJETOS EDUCACIONAIS DESENVOLVIDOS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DA REDE PÚBLICA DE ENSINO – CAICÓ/RN

Aline Kelly Araújo dos Santos

Joseane Alves Vasconcelos

**DOI 10.22533/at.ed.05020210723**

**CAPÍTULO 24 ..... 274**

O PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO SITUACIONAL COMO METODOLOGIA DE DEMOCRATIZAÇÃO DA GESTÃO ESCOLAR

Lidnei Ventura

Klalter Bez Fontana

Roselaine Ripa

**DOI 10.22533/at.ed.05020210724**

**SOBRE OS ORGANIZADORES..... 285**

**ÍNDICE REMISSIVO ..... 287**

## O OLHAR ACADÊMICO/PIBIDIANO SOBRE AS PRÁTICAS AVALIATIVAS NO ENSINO SUPERIOR

*Data de aceite: 01/07/2020*

**Arnóbio Rodrigues de Sousa Júnior**

Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Ceará Campus Crateús  
Tamboril-Ceará

<http://lattes.cnpq.br/2842049227860525>

**Antonio Avelar Macedo Neri**

Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Ceará Campus Crateús  
Crateús-Ceará

ID Lattes: 4489040579463197

**Maria das Dores Alexandre Maia**

Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Ceará Campus Crateús  
Crateús-Ceará

ID Lattes: 9028858288566652

**Mayara Barros Bezerra**

Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Ceará Campus Crateús  
Nova Russas-Ceará

ID Lattes: 6523002850585421

**Oscar Soares de Araújo Júnior**

Secretaria de Educação do Estado do Ceará  
Crateús-Ceará

ID Lattes: 4707177940068873

**RESUMO:** No que se refere as práticas avaliativas no ensino superior, a presente produção acadêmica tem como objetivo investigativo a partir do olhar técnico e pedagógico do acadêmico e pibidiano, problematizar e discutir as práticas avaliativas no ensino superior no curso de licenciatura em geografia nos Sertões de Crateús, analisar teoricamente e criticamente as práticas avaliativas pautadas no ensino de geografia e compreender a importância da avaliação para com o ensino e aprendizagem do licenciando. No conjunto do artigo, tem-se como recursos metodológicos, a pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico fundamentada em autores que abordam a temática bem como: Vasconcellos (1998), Hoffmann (1994) e, principalmente Luckesi (2011) entre outros que possibilitam a construção do diálogo e contribuição para a pesquisa. Ainda, é pertinente o uso da etnometodologia embasada em Coulon (1995) para que se possa realizar análises e a abordagem da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) como aporte para pautar a avaliação. Nestas perspectivas, leva-se em conta os saberes adquiridos na prática enquanto atuação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e a troca de experiências entre o ensino superior

e a educação básica. Ainda, as discussões sobre as práticas avaliativas são pautadas objetivando a pedagogia emancipadora no sentido de romper com as formas e padrões tradicionais de avaliar. Tem-se como resultados que, a avaliação é uma prática que requer atitude e que possibilita ao sujeito a construção de resultados positivos e a transformação social e política no princípio da humanização.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino superior. Práticas avaliativas. Geografia. Sertões de Crateús. PIBID.

## THE ACADEMIC / PIBIDIAN GAZE ON EVALUATIVE PRACTICES IN HIGHER EDUCATION

**ABSTRACT:** From the technical and pedagogical point of view of the [academic] and pibidiano, and concerning itself with evaluative practices in higher education, the present [academic production] has the investigative objective to problematize and discuss the evaluative practices in the geography degree course in the Sertões de Crateús. It theoretically and critically analyzes the evaluative practices in the teaching of geography and understands the importance of evaluation for the teaching and learning of the [licensee]. The article has, as its methodological resources, qualitative research [of a bibliographic nature] by authors who address the theme, including Vasconcellos (1998), Hoffmann (1994), and Luckesi (2011), among others who facilitate the constructive dialogue and contribution to research. Still, the use of ethnomethodology based on Coulon (1995) is pertinent to carry out analyses and the [approach] of the Law of Directives and Bases of Education (LDB) as an input to guide the evaluation. Through these lenses, the article takes into account the practical knowledge acquired while working in the Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships (PIBID) and the exchange of experiences between higher education and primary education. Discussions about the evaluative practices aim at the emancipatory pedagogy by breaking with the traditional forms and standards of evaluation.

The results are that evaluation is a practice that requires [attitude], and that allows the subject to build positive results and social and political transformation in the [principle] of humanization.

**KEYWORDS:** Higher education. Evaluative practices. Geography. Sertões de Crateús. PIBID.

## INTRODUÇÃO

As práticas avaliativas enquanto instrumento da gestão institucional estão alinhadas a função política e pedagógica do ensino e, deve-se constituir, sobretudo como um processo dialógico nos níveis de educação fomentado pelos entes federativos. Desse modo, as práticas avaliativas são abordadas em diferentes concepções de formação no magistério para com a aplicabilidade na sala de aula. “Avaliação é um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar

seu avanços, suas resistências, suas dificuldades [...]”. (VASCONCELOS, 1998, p. 54).

Assim, é necessário que saibamos distinguir do que se trata a avaliação e os exames em decorrência do processo formativo de ensino, uma vez que tais práticas são corriqueiras dentro da estrutura social de sistema educacional que se faz presente na conjuntura do sistema capitalista.

É certo que o exame tende a verificar, não construindo ações a partir da conclusão que se tem a respeito dos resultados obtidos, ou seja, é um processo seletivo inculcado na pedagogia da dominação, da exclusão, do empreendimento, sustentando as ideias propostas pela educação capitalista que se fundamenta na pedagogia liberal. O exame como prática de aprendizagem tende a fomentar uma associação mecânica entre conteúdos e realidade, sem dar suporte para a investigação. Já a avaliação possibilita encaminhar.

Assim, conforme Luckesi (2011, p. 54) “A avaliação, ao contrário, manifesta-se como um ato dinâmico que qualifica e subsidia o reecaminhamento da ação, possibilitando consequência no sentido de construção dos resultados que se deseja”. Neste conjunto, é notório o quanto o exame viabiliza a construção de um produto para o sistema alienante, tendo em vista que essa prática avaliativa sustenta a ideologia fatalista e a domesticação à leitura. Contudo, a avaliação enquanto mecanismo de investigação e de construção de bons resultados não poderá ser objeto da pedagogia conservadora.

Nesse sentido, o artigo problematiza as práticas avaliativas num viés da socialização de saberes historicamente acumulados, na construção de ações investigativas assentadas na gestão democrática ao passo que se pensa em práticas educativas emancipatórias no limiar das contradições do sistema capitalista e do fracasso da pedagogia do exame. Por fim, a avaliação tem a função de diagnosticar continuamente, reconhecendo e considerando aspectos sociopolíticos. Por isso a tamanha importância para o ensino e aprendizagem. Para explicitar, Libâneo (1990, p. 195) nos rememora ao afirmar que: “A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem”. Além disso, é perceptível o uso das práticas avaliativas no ensino superior mediante a proposta e elucidações das tendências pedagógicas. Fica claro as atribuições das práticas avaliativas quanto as formas de avaliar obedecem os papéis centrados por essas tendências de cunho político, social e cultural.

“Não é indiferente, portanto, os tipos de procedimentos que se adota, sendo a avaliação uma dimensão bastante reveladora do projeto pedagógico implicado em cada modo distante de ensinar”. (CORDEIRO, 2013, p. 149). Nesta proposição, pensando na academia enquanto um dos principais palcos de formação social, política e humana, ainda é utilizado práticas avaliativas pedagógicas que conduzem o ato de avaliar para a ideia de reprodução, da repetição acrítica com o falso discurso do ensino humanístico.

Assim, ao considerarmos a formação de professores no ensino de geografia nos Sertões de Crateús, é importante ressaltar seu níveis de formação, onde tem-se bacharéis

e licenciados. Logo, há fortes tensões enquanto formação de currículo dos licenciandos. Desse modo, Joe Garcia afirma que “Transformar o currículo, desenhar experiências de aprendizagem e decidir sobre estratégias de avaliação representam alguns dos principais desafios com os quais convivem os professores universitários”. (GARCIA, 2009, p. 204).

Partindo dessa dimensão, o artigo também discute as práticas avaliativas a partir da formação dos professores, haja vista que a discussão tem o propósito de debater a temática no sentido de uma educação emancipadora, logo, investigar, questionar e problematizar a formação e os métodos dos profissionais são necessários. Ademais, a avaliação bem como pauta Brasil (1996) em seu Art. 24º, deve ser contínua, considerando os contextos sociais, as dificuldades do aprendiz e possibilitando aprendizagens significativas. Embora, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação neste artigo trate especificamente da avaliação para com a educação básica, esta por sua vez se aplica em outros contextos de ensino, tendo em vista que o ensino superior está condicionado ao Plano Nacional de Educação (PNE) e este pautado na LDB.

Dessa maneira, o Art. 9º é explícito ao assegurar que a avaliação deve propiciar fundamentos para uma educação de qualidade, inclusive no ensino superior. Contudo, as indagações ainda são pertinentes quanto as práticas avaliativas nos diferentes eixos de ensino, haja vista o sistema social, político e econômico que se tem. Nesse ínterim, a produção acadêmica tem como máxima, problematizar e discutir as práticas avaliativas no ensino superior da licenciatura em geografia nos Sertões de Crateús além de propor o discernimento quanto a importância das práticas avaliativas na construção social e na humanização do sujeito.

Diante disso, a produção subsidia-se na pesquisa de natureza qualitativa, respaldada em autores que traz leituras aptas a discussões no que tange a temática além de outros autores que apresentam grandes contribuições, enriquecendo o debate e tornando a leitura ampla e formando seres politizados. Freire (2003, p. 123) é extraordinário ao sustentar que “A leitura de mundo do educando revela, evidentemente, a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente construído”. Logo, a avaliação enquanto um ato dialógico como bem propõe Luckesi (2000), constrói constantemente essa leitura.

Adicionalmente, tem-se a leitura da Lei de Diretrizes e Bases da Educação e o uso da etnometodologia alicerçada em Coulon (1995) para que fosse possível realizar análises comparativas a fim de ampliar o debate e articular as proposições debatidas. Para tal, fez-se necessário a aplicação de um questionário com quatro questões subjetivas para um núcleo de 10 discentes da licenciatura em geografia, sendo estes do segundo, quarto e quinto semestre. O questionário tem como objetivo, fomentar implicações, reflexões e discussões sobre as práticas avaliativas no ensino de geografia nos Sertões de Crateús. É nesse sentido que a pesquisa é de extrema importância pois propicia o debate e põe desafios à licenciatura, sobretudo aos profissionais, mas também criando atitudes nos discentes quanto a atuação futura no magistério.

Portanto, o presente artigo discute a avaliação enquanto instrumento essencial para o processo pedagógico-didático, buscando-se também levar o docente a reflexão de suas práticas. Assim, a produção segue discutindo a temática abordando diferentes proposições e propondo a avaliação enquanto processo dialógico, assentado na pedagogia progressista, objetivando o ensino que conscientize as camadas rotuladas como subalterna e subjugadas como massa muscular do sistema capitalista.

## **A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO NO ENSINO E APRENDIZAGEM**

Nestas perspectivas de discussão, é válido ressaltar que a avaliação se constitui como uma reorientação da prática pedagógica. As práticas avaliativas que se constituem nas redes de ensino ainda são sustentadas mediante uma lógica fragmentada e racionária proposta pelo sistema capitalista que se fundamenta na pedagogia da mordida. O ensino superior, ainda é palco de disseminação de tais práticas, vulgarizando os métodos da pedagogia do exame por meio da formação do currículo acadêmico, da formação de professores. Sendo o ensino superior o objeto de estudo do artigo, tais problemáticas serão apontadas mais adiante nas discussões a partir do estudo etnometodológico. A priori, é plausível compreendermos a importância da avaliação no ensino e aprendizagem para posteriormente se discutir de forma politizada tais situações. Assim, a avaliação é um paradigma de mediação ao ponto que encoraja a construção do saber.

Tal paradigma pretende opor-se ao modelo do “transmitir-verificar-registrar” e evoluir no sentido de uma ação avaliativa reflexiva e desafiadora do educador em termos de contribuir, elucidar, favorecer a troca de idéias entre e com seus alunos, num movimento de superação do saber transmitido a uma produção de saber enriquecido, construído a partir da compreensão dos fenômenos estudados. (HOFFMANN, 1994, p. 51).

Conforme Luckesi (2011, p. 214), “A avaliação, em si mesma, é um instrumento de dinamismo e progresso”. É notório que a avaliação tende a viabilizar a transformação do sujeito, de sua aprendizagem. É nesses aspectos pedagógicos que a avaliação se torna essencial para transformar e construir o conhecimento do sujeito social. A avaliação apresenta também um fator político essencial o qual corrobora com os ideais revolucionários da pedagogia libertadora. Dessa maneira, compreender a importância da avaliação enquanto docente no ensino superior, é instruir o ser essencialmente político, fazendo-o refletir sobre as amarras do sistema capitalista e se apropriando de uma nova leitura e filosofia de mundo. É sabido que, o professor tende a erdar a cultura do examinar, sobretudo os bacharéis por não apresentar formações pedagógicas voltadas à licenciatura.

O que se percebe ao aprofundar os estudos sobre a questão é que o ensino superior não está isento dos problemas mais gerais constatados nesse campo e que, tanto na teoria quanto na prática, a avaliação nesse nível de ensino se reveste de rituais e atitudes discriminatórias. Neste caso, a avaliação ocorre de adulto para adulto, talvez por isso

seja menor a preocupação em compreender o seu papel no processo de aprendizagem, seus limites e possibilidades no conjunto de procedimentos que compõem a organização do trabalho pedagógico na sala de aula e sua influência na condução do processo de ensino. (CHAVES, 2003. p. 03).

Nessa maneira, apercebesse que ainda existe no ensino superior a prática constante da pedagogia do exame, onde em muitas circunstâncias, utiliza-se a prova como punição e como prática de poder no decorrer do processo educacional. Naturalmente, é preciso conceber neste espaço formativo a importância da avaliação enquanto processo de diagnóstico que inclui, desvendando a realidade, haja vista a rigorosidade científica e a intervenção enquanto método de reinventar e construir os resultados desejados. “Desse modo, provas/exames separam os “eleitos” dos “não eleitos”.

Assim sendo, essa prática exclui uma parte dos alunos e admite, como “aceitos”, uma outra. Manifesta-se, pois, como uma prática seletiva”. (LUCKESI, 2011, p. 202). Ainda, Mendes (2005, p. 194) ressalta que “Mudar as concepções e as práticas avaliativas não é deixar de avaliar, nem afrouxar”. Desse modo, a avaliação tende a descrever a realidade e compreender como tal realidade funciona. Com toda a certeza, é fundamental compreender a relevância que a avaliação tem para o ensino e aprendizagem como condução da ação conforme argumenta Luckesi (2011).

Além disso, a avaliação visa a produção de conhecimento, logo, ela deve ter sistematicidade quanto aos conteúdos trabalhados. Também, a avaliação deve proporcionar instrumentos adequados para com as competências dos aprendizes. É fato que, muitos dos instrumentos utilizados nas redes de ensino até mesmo no ensino superior, não estão adequados as competências que o aprendiz tem quanto a desenvoltura de suas habilidades, tendo em vista que as práticas avaliativas ainda são pragmáticas e exclusivas. De acordo com Cordeiro (2013, p. 156-157):

[...] em diversas situações escolares ainda predominam os procedimentos da avaliação de caráter repetitivo, padronizado e normativo, os alunos costumam aprender rapidamente a como se comportar, seja para adotar o papel do bom aluno, seja para rejeitá-lo.

“Ademais, em contraponto ao exame, a avaliação preza pela equalização social e pela democratização do ensino. O mais comum é tomar a avaliação unicamente como o ato de aplicar provas, atribuir notas e classificar os alunos”. (LIBÂNEO, 1994, p. 198). Não podemos, enquanto formandos, perceber que a avaliação, de fato, se dar somente nessa perspectiva. É preciso cogitar e lutar pelas práticas avaliativas que inclui. Mendes (2005, p. 177) ressalta que “Mudar a forma de avaliar implica repensar todo o processo pedagógico, bem como todo o processo de definição do currículo que definimos no ensino superior”. É a partir da formação do currículo acadêmico que a pedagogia do exame influencia na reprodução desta forma de avaliação. Aqui, fica claro a total importância da avaliação no ensino e aprendizagem enquanto método de investigação, reinvenção e reorientação da prática pedagógica. É explícito que a avaliação pressupõe o início, o meio e o fim, entendendo como máxima a avaliação enquanto uma constante dentro de

qualquer ação educativa. Por fim, acrescentasse que:

A pedagogia que sustenta o exame se contenta com a classificação, seja ela qual for; a pedagogia que sustenta o ato de avaliar não se contenta com qualquer resultado, mas somente ao educando a responsabilidade pelos resultados insatisfatórios; investiga suas causas, assim como busca e realiza ações curativas. O ato de avaliar dedica-se a desvendar impasses e buscar soluções. (LUCKESI, 2013, p. 64).

## **REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS AVALIATIVAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

No que tange a formação acadêmica dos licenciandos em geografia nos Sertões de Crateús, é de fundamental importância ressaltar a formação do currículo através do que está sendo ministrado pelos profissionais da educação, sejam eles bacharéis ou licenciados. Nesse sentido, ao falarmos de práticas avaliativas no ensino superior, tem-se presente neste âmbito acadêmico a dualidade de formação do currículo do discente a partir de olhares e abordagens diferentes, uma vez que a formação acadêmica está voltada a licenciatura, sendo pautada formas avaliativas em caminhos diferentes.

Outrora, na licenciatura, é usado práticas avaliativas que se dissocia da reflexão e das questões pedagógico-didáticas, bem como será apresentado nos resultados e discussões do texto. Desta forma, as reflexões acerca das práticas avaliativas no ensino de geografia serão necessárias, tendo em vista que a presente produção acadêmica propõe práticas avaliativas de qualidade, que use instrumentos que estejam em consonância com as competências e habilidades dos indivíduos além de assegurar a retórica da avaliação como ato dialógico, político, cultural, pedagógico e de constante transformação social.

Nestas perspectivas, as práticas avaliativas no ensino de geografia apresentam dualidades, considerando-se que a licenciatura é conduzida por professores bacharéis e licenciados. Logo, a formação destes se pautam em perspectivas diferentes de pesquisa. Luckesi (2011, p. 215) diz que “A conduta de muitos educadores (se é o que são) é a cópia de seus antigos mestres”. Assim, enquanto acadêmico e pibidiano atuante na educação básica, é necessário que o professor faça uma reflexão sobre a sua prática avaliativa.

É notório, em algumas situações o uso de exames como prática avaliativa. “Vale lembrar, desde já, que o mecanismo ação-reflexão-ação é importante para que a avaliação cumpra o seu papel, vamos dizer, ontológico. Ou seja: o julgamento qualitativo da ação deve estar em função do aprimoramento dessa mesma ação”. (LUCKESI, 2011, p. 213). Adicionalmente, é válido enfatizar que são raras as exceções que se tem quanto ao uso de exames para o exercício do poder. No entanto, a educação superior deve rever teorias e práticas, tendo em vista que tem-se uma nova proposta de formação de um currículo diverso.

Conforme Luckesi (2005, p. 4), “Importa observar, em primeiro lugar, que a questão central da prática da avaliação na escola não está nos instrumentos, mas sim na postura

pedagógica e conseqüentemente na prática da avaliação”. Nesse sentido, a postura do profissional acerca de suas práticas avaliativas revela o seu caráter pedagógico. No ensino superior, com abordagens no ensino de geografia, existem propostas avaliativas que tramita no sentido da tendência liberal, a qual não tem compromisso com a transformação social, mas legitima a ordem do sistema capitalista, de uma pedagogia do exame, da exclusão e da dominação.

É necessário a mudança de postura do profissional que reproduz o falso discurso da democracia e da boa formação social, humana e política. Não obstante, usa em suas práticas avaliativas, uma avaliação inculcada na tendência liberal. Em contraponto, a boa avaliação deve reconhecer os condicionantes sociopolíticos dos indivíduos bem como outras epistemologias.

Para não ser autoritária e conservadora, a avaliação terá de ser diagnóstica, ou seja, deverá ser o instrumento dialético do avanço, terá de ser o instrumento da identificação de novos rumos. Enfim, terá de ser o instrumento de reconhecimento dos caminhos percorridos e da identificação dos caminhos a serem perseguidos. (LUCKESI, 2011, p. 91).

Neste sentido, em muitos espaços institucionais educativos, inclusive na academia, os profissionais ainda trabalham na lógica dos exames escolares, logo, são mínimas as práticas de avaliar no sentido de investigar, questionar e tomar atitude para com os resultados adquiridos. “A avaliação é uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor como dos alunos”. (LIBÂNEO, 1994, 195). Deste modo, o professor deve ter uma reflexão crítica a respeito dos resultados obtidos e por conseguinte, de sua prática avaliativa. No ensino de geografia, algumas práticas avaliativas reconhece as dificuldades dos diferente indivíduos, logo, os instrumentos de avaliação são adequados. Contudo, ainda precisa-se ter uma maior postura e reflexão acerca dos resultados.

## **AVALIAÇÃO E CURRÍCULO: ALGUMAS PROBLEMATIZAÇÕES**

De acordo com Chaves (2003, p. 06), “A construção de uma proposta de avaliação passa inevitavelmente por uma opção sobre ensinar e aprender, a qual expressa por sua vez uma opção por um modelo epistemológico-pedagógico”. As práticas avaliativas estão alicerçadas num projeto pedagógico de ensino que é reveladora da formação curricular do acadêmico.

A partir das avaliações, pode-se pensar essa tática enquanto indutora de currículo ou redutora de currículo, incorporando instrumentos e procedimentos de sua formação que tendem a formar o currículo. Nota-se que as práticas avaliativas pressupõe uma formação de currículo. Por isso, é interessante avaliar para com o objetivo da transformação social e política. Garcia (2009, p. 206) nos mostra tais discussões ao enfatizar que:

As experiências de avaliação são parte importante do currículo, não só na educação

superior como nos demais níveis educacionais. É possível afirmar que tais experiências avaliativas são formativas sob diversos aspectos. Elas podem influenciar o modo como os estudantes planejam e utilizam o tempo dos estudos, atribuem prioridade e significado às diversas tarefas acadêmicas, e, de modo amplo, como eles se desenvolvem academicamente. Além disso, quando expostos à cultura avaliativa de determinado curso, e, portanto, sujeitos às rotinas, prioridades e conhecimentos atrelados a determinadas formas de avaliação, os estudantes tendem a desenvolver atitudes e práticas em relação à aprendizagem.

Dessa forma, a prática avaliativa a qual Luckesi (2011) explicita, forma um currículo diverso com conhecimentos políticos, históricos sociais etc., além de ser um currículo politizado. No ensino de geografia, é notório algumas tensões acerca da formação curricular do aprendiz no processo de ensino e aprendizagem, haja vista a dicotomia entre a formação dos docentes e de suas práticas avaliativas. Ainda, as práticas avaliativas no ensino de geografia apresenta diferentes finalidades, as quais demonstra o caráter pedagógico do professor.

Nesse sentido, para a construção plena de um currículo, o profissional deve acompanhar e dialogar de forma sistematizada com o ensino e aprendizagem do aprendiz. Por outro lado, haja vista a formação pedagógica dos profissionais, Hoffmann (1994, p. 55) reforça que “É preciso investigar, então, a compreensão pelos professores dos termos acompanhamento e diálogo. Entendo que ambos podem receber definições diferenciadas, conforme estiverem atrelados a uma ou a outra matriz epistemológica”.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados e discussões aqui apresentadas tem um viés voltado para a problematização no que tange as práticas avaliativas, objetivando a pedagogia libertadora, emancipadora e suas epistemologias. Nestas perspectivas, a partir da atribuição do questionário aos discentes, entende-se por meio de uma das respostas obtidas que as práticas avaliativas ainda estão nos percursos das tendências pedagógicas, uma vez que tem-se apenas o uso do exame como processo de avaliação sem possibilitar reflexões, atitudes e ações sobre os resultados adquiridos e sem implicações crítico-reflexivas da prática avaliativa do docente. Apercebesse que, faz-se necessário que o docente tenha uma postura reflexiva sobre sua atuação e possa compreender as possíveis competências dos aprendizes que são fundamentais para o desenvolvimento de suas habilidades.

Neste sentido, não se pode perder de vista que o trabalho do professor está sempre fundamentado, consciente ou inconscientemente, num conjunto de representações teóricas a respeito dos alunos, do conhecimento, do ensino e das suas finalidades, da pedagogia e dos métodos adequados para melhor realizar os objetivos propostos. (CORDEIRO, 2013, p. 152).

Nesse limiar, nota-se que as práticas avaliativas no ensino superior ainda são pautadas de forma a causar pressão nos discentes. Foi possível perceber tal proposição

ao perguntarmos aos discentes “Como você percebe as avaliações pautadas pelos professores do curso de licenciatura em geografia?”. Diante disso, bem como afirma Luckesi (2011), a avaliação deve considerar os instrumentos que estejam adequados a realidade do indivíduo. No entanto, ainda tem-se práticas avaliativas de caráter “duro”, ao ponto de provocar, a pressão, o medo e de não incluir a avaliação nas perspectivas da rotina do aprendiz. Através das respostas apontadas abaixo, fica claro a dualidade das práticas avaliativas no ensino superior, em específico, no ensino de geografia nos Sertões de Crateús.

A maioria das avaliações demonstram estar de acordo com suas respectivas disciplinas. Contudo, pelo fato de as avaliações ocorrerem quase que todas ao mesmo tempo, creio que nós discentes realizamos as avaliações sob muita pressão. (Discente da geografia).

Existem diferentes maneiras. Uma mais flexíveis, levando em consideração a rotina do discente, outras não. (Discente da geografia).

Em uma pedagogia preocupada com a transformação, o exercício da avaliação não poderá ser nem “piedoso” nem “durão”. (LUCKESI, 2011, p. 215). É necessário o redimensionamento da ação. Nestas proposições, indagamos se as avaliações realizadas possibilitam reflexões sobre os acertos e erros. Quanto a esta indagação, pudemos concluir que tampouco as avaliações possibilitam a reflexão crítica e a implicação pedagógica quanto aos acertos e erros. Em uma das respostas, podemos ver uma nova proposição, ao ressaltar a forma como o professor aborda as avaliações. Mesmo assim, é verídico afirmar que os professores mesmo tendo grandes titulações, necessitam fazer uma reflexão de suas práticas avaliativas.

Na maioria das vezes, sequer há tempo para reflexões sobre o que foi positivo e o que deve ser melhorado, de modo que restam lacunas na aprendizagem. (Discente da geografia).

A maioria são de reflexão, mas dependendo da forma que o professor passe a avaliação, torna dificultoso a reflexão sobre o assunto. (Discente da geografia).

Por fim, pode-se afirmar que o docente deve a todo tempo está redimensionando sua prática avaliativa e a conduzindo a uma ação de caráter humano, reflexivo, emancipatória e de inclusão. Ficou explícito que as práticas avaliativas no ensino superior chegam sinteticamente a um resultado. Mas precisa ser redirecionada a uma boa conduta de transformação. Só assim, teremos seres mais politizados, empoderados e emancipados.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta produção acadêmica, evidenciou-se as práticas avaliativas no ensino superior, a fim de se problematizar, enfatizar, discutir e compreender tal processo que faz parte do ensino e aprendizagem. Nesse sentido, a pesquisa se volta a apresentar tais práticas,

abordando o ensino de geografia nos Sertões de Crateús. A discussão é válida pois traz uma ampla revisão bibliográfica e novas discussões acerca da temática de estudo mediante a formação de professores.

Em síntese, a presente produção acadêmica é viva, pois traz o debate objetivando a formação crítica. Conclui-se que as práticas avaliativas são essenciais no ensino e aprendizagem, mas devem estar condicionadas aos instrumentos de estudos dos aprendizes e, possibilitar uma reflexão crítica e uma mudança de atitude a partir dos meros resultados adquiridos.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccvil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccvil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 19/12/2019
- CHAVES, Sandramara M. **Avaliação da aprendizagem no ensino superior: realidade, complexidade e possibilidades**. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo, 2003.
- CORDEIRO, Jaime Francisco Parreira. **Didática**. São Paulo: Contexto, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- GARCIA, Joe. **Avaliação e aprendizagem na educação superior**. *Estudos em Avaliação Educacional*, v. 20, n. 43, p. 201-213, 2009.
- MENDES, Olenir Maria. **Avaliação formativa no ensino superior: reflexões e alternativas possíveis**. *Currículo e avaliação na educação superior*. Araraquara: Junqueira & Marin, p. 175-197, 2005.
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação mediadora: uma relação dialógica na construção do conhecimento**. *Avaliação do rendimento escolar*. São Paulo: FDE, p. 51-9, 1994.
- VASCONCELLOS, Celso dos S. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança – por uma práxis transformadora**. São Paulo: Libertad, 1998.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Afiliada, 1994.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. Cortez editora, 2011.
- LUCKESI, Cipriano. **Filosofia da Educação**. 3ª edição. 2011.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem**. *Revista Pátio*, v. 12, p. 6-11, 2000.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem: visão geral**. In: Entrevista concedida ao Jornalista Paulo Camargo, São Paulo, publicado no caderno do Colégio Uirapuru, Sorocaba, estado de São Paulo, por ocasião da Conferência: Avaliação da Aprendizagem na Escola, Colégio Uirapuru, Sorocaba, SP. 2005.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adoção 151, 183

Apego 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265

Aprendizagem 2, 11, 12, 21, 34, 36, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 69, 71, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 95, 97, 98, 99, 100, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 118, 121, 125, 126, 128, 130, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 146, 152, 153, 157, 158, 160, 162, 163, 165, 166, 168, 169, 170, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 187, 200, 211, 213, 218, 234, 236, 237, 238, 239, 242, 243, 244, 256, 268, 269, 272, 286

### C

Currículo 6, 7, 10, 18, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 37, 69, 72, 97, 101, 103, 132, 168, 175, 179, 181, 190, 196, 201, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 244, 264, 265, 285

### D

Democratização 11, 118, 124, 136, 142, 163, 164, 239, 274, 275, 276, 277, 278, 280

Desenvolvimento Profissional 211, 212, 214, 215, 218, 219, 285

Desigualdade 20, 21, 98, 100, 103, 104, 107, 111, 199

Direitos Humanos 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 70, 256

Diversidade 1, 2, 3, 4, 5, 13, 19, 68, 88, 97, 98, 100, 138, 153, 193, 249, 283, 284, 285

Docência 24, 37, 38, 41, 50, 93, 94, 109, 116, 117, 120, 122, 124, 125, 164, 191, 195, 196, 197, 201, 202, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 229, 231, 232, 234

### E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 26, 27, 28, 29, 35, 37, 38, 41, 42, 43, 50, 58, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 84, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 150, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 210, 211, 212, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 229, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 240, 241, 244, 245, 246, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 272, 273, 274, 275, 277, 278, 280, 282, 283, 284, 285, 286

Educação do Campo 68, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203

Educação Infantil 1, 2, 3, 4, 5, 13, 15, 133, 195, 199, 218, 258, 260, 261, 264, 268, 274, 275  
Educação Integral 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77  
Educação Sexual 19, 20, 21, 22  
Emoções 65, 103, 104, 107, 108, 109, 111, 114, 115  
Empreendedorismo 143, 144, 145, 146, 147, 152, 154, 155  
Ensino de Sociologia 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37  
Ensino Fundamental 13, 14, 16, 22, 50, 53, 56, 94, 97, 101, 128, 130, 131, 133, 134, 136, 157,  
159, 164, 170, 172, 173, 174, 177, 178, 179, 194, 195, 216, 218, 221, 268, 274, 275  
Ensino Profissional 38, 43, 44, 59, 62  
Ensino Superior 41, 120, 123, 164, 183, 220, 224, 228, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241,  
242, 243, 244, 285, 286  
Estágio Curricular 25, 33, 35, 116, 123, 125  
Estilos de Aprendizagem 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89  
Estudo de Estatística 19, 20  
Experimento Didático 204

## F

Formação de Educadores 18, 93, 196  
Formação de Professores 4, 18, 25, 33, 37, 98, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 126, 127, 179,  
187, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 202, 211, 212, 219, 236, 238, 244, 285, 286  
Formação Docente 32, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 126, 192, 195,  
197, 219, 285

## G

Gestão Democrática Participativa 128, 129, 130, 132, 133, 139, 141  
Gestão Empreendedora 143, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155  
Gestão Escolar 93, 131, 140, 156, 162, 171, 274, 275, 278, 279, 280, 284

## H

História 2, 3, 5, 6, 8, 10, 11, 14, 16, 21, 24, 39, 68, 69, 76, 95, 96, 101, 116, 120, 121, 127, 149,  
181, 182, 188, 190, 194, 201, 202, 214, 216, 217, 218, 219, 221, 229, 233, 245, 277, 282, 284, 286

## I

Império 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 221, 277  
Informática Básica 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180  
Instrução Pública 181, 182, 183, 184, 185, 221

## **L**

Ludicidade 1

## **O**

Ondas 204, 205, 206, 208, 209, 210

## **P**

Prática Educativa 63, 101, 118, 129, 130, 133, 141, 203, 244, 248, 249, 283

Práticas Avaliativas 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244

Prova Brasil 156, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171

## **S**

Socioeducação 245, 247, 248, 249, 250, 252, 254

# *Aspectos Históricos, Políticos e Culturais da Educação Brasileira*

# 2



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)



[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# *Aspectos Históricos, Políticos e Culturais da Educação Brasileira*

# 2



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)



[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)